

LUIS CARLOS PRESTES E OS ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930*

Angelo José da Silva
Universidade Federal do Paraná

APRESENTAÇÃO

Esta entrevista foi realizada em 1988 com o objetivo de fornecer elementos para a realização de minha dissertação de mestrado sobre a Revolução de 1930.

Por uma série de motivos isto acabou por não acontecer porque, embora sejam valiosas as declarações fornecidas por Luis Carlos Prestes, as informações contidas nesta entrevista não puderam ser utilizadas em função, por um lado, das especificações do tema de meu trabalho e, por outro, da forma panorâmica como o entrevistado organizou a exposição de suas idéias, relatando sua participação nos eventos das décadas de 20 e 30 principalmente e sua relação política com os principais

personagens ligados àqueles acontecimentos, sem ater-se mais detalhadamente aos temas decisivos para mim.

Considero, contudo, que existem muitas informações que podem interessar àqueles que trabalham com o tema em pauta, já que Prestes traça um panorama da República Velha, passando pela Revolução de 1930, realizando análises sobre os principais acontecimentos e personagens, relatando com riqueza de detalhes fatos vividos por ele há 60, 70 ou 80 anos atrás.

Movido por esta expectativa de oferecer aos interessados esta entrevista inédita resolvi publicá-la para contribuir com a circulação das informações nela contidas.

O conteúdo básico das declarações por mim colhidas foi mantido. As declarações de Luis Carlos Prestes foram apenas editadas. Com isso quero dizer que o texto não apresentará as questões por mim elaboradas no momento da entrevista. Além disto, foram retiradas aquelas passagens onde a oralidade era muito

* Luis Carlos Prestes nasceu em Porto Alegre - RS em 1898. Quando foi entrevistado, em 20 de fevereiro de 1988, estava na casa dos 90 anos de idade e mantinha uma clareza de raciocínio admirável. Iniciou suas atividades políticas em 1923, quando participou como um dos principais líderes do movimento político-militar que acabou por levar o seu nome: a Coluna Prestes. Desta data até sua morte, em 1990, sempre manteve uma intensa atividade como militante político.

acentuada e não acrescentava nada de significativo ao texto. Algumas notas foram inseridas com o objetivo de esclarecer algumas passagens mais nebulosas ou fornecer informações sobre alguns dos personagens citados pelo entrevistado.

Cabe-me esclarecer ainda que os fatos relatados não mantêm uma seqüência cronológica rigorosa nem tampouco os assuntos abordados apresentam-se perfeitamente encadeados por se tratar de um depoimento oral de cerca de duas horas.

Para dar um formato mais próximo de um texto escrito optei pela inclusão de alguns subtítulos em vez de refazer a ordem da narração. Nesse sentido, o que está sendo aqui apresentado é praticamente a transcrição da entrevista com a edição mencionada acima.

As questões básicas apresentadas a Luis Carlos Prestes diziam respeito ao papel do tenentismo na política brasileira, à Revolução de 30, aos partidos de esquerda e aos principais projetos de transformação que estavam em pauta naquele período.

* * *

Em primeiro lugar, eu não chamo 30 de Revolução. Eu acho que houve um movimento popular, teve um apoio de massas muito grande, etc, mas não era uma Revolução porque não se tratava de uma mudança de classe no poder. O movimento de 30 resultou da formação da Aliança Liberal. O governo do Getúlio conseguiu a unidade com o governo de Minas e da Paraíba e formou a Aliança Liberal. Os políticos que estavam do lado dele foram percorrendo o Brasil, fazendo a propaganda dessa organização, de um programa esquerdista. Pelo menos prometia

conquistar a democracia e resolver alguns problemas do povo. Falava-se até de reforma agrária.

NÃO CHAMO 1930 DE REVOLUÇÃO. ERA UM MOVIMENTO POPULAR

Nesse sentido é útil ler a plataforma política do Getúlio que ele leu aqui na Esplanada do Castelo, no dia 2 de janeiro de 1930. Era uma praça larga... O povo compareceu em grande quantidade. Lá ele leu sua plataforma. Ela era bastante avançada para a época: Reforma agrária, fim do latifúndio, não me lembro agora. Eu li na época...

...Era muito fácil levantar qualquer reivindicação operária porque estávamos, ainda, no governo do Washington Luiz e o Washington Luiz considerava o problema operário como um caso de polícia. A questão social era questão de polícia. Ele dizia abertamente, assim mesmo. Era a expressão que ele utilizava.

O Getúlio procurou, depois, criar até o Ministério do Trabalho. Essa coisa toda era um avanço. Parecia um grande avanço. Mas não era Revolução porque o Getúlio era tão latifundiário quanto o Júlio Prestes, que era o candidato do Washington Luiz, que também era latifundiário e representava o café.

O grande fator favorável que garantiu ao movimento do Getúlio um apoio de massa, foi a crise de 1929 e, diga-se de partida, a crise geral do capitalismo, de outubro de 1929. O *crack* na Bolsa de Nova York teve uma repercussão muito grande e o preço do café foi lá para baixo. E com o preço do café baixando o Brasil ficou sem poder comprar quase nada e depois que a crise atingiu o fundo mesmo, o número de desocupados foi

muito grande. A indústria nacional praticamente... parou, reduziu muito a sua produção em consequência da crise. A classe operária fazia grandes passeatas, aqui no Rio, em São Paulo, etc., contra o desemprego, exigindo trabalho. Massas de milhares de operários sem trabalho. A Revolução não chamo de Revolução de 30. Era um movimento popular.

Agora, os tenentes, sem dúvida alguma participaram. O que foi o movimento tenentista? O movimento tenentista surgiu em consequência de que já no ano de 1922, 1921/22, acentuou-se profundamente a crise econômica do primeiro pós-guerra. Porque a guerra terminou em 1918, mas a crise econômica se tornou mais sentida aqui no Brasil já no ano de 1920, 1921/22. Então, a oficialidade mais jovem do Exército, da Marinha - ainda não havia a Aeronáutica - sentia as consequências dessa crise, os vencimentos eram relativamente baixos para a inflação, para o nível que já atingiam os preços.

Havia um outro descontentamento no meio da jovem oficialidade. Os melhores alunos da Escola Militar tinham estudado já alguma coisa da experiência da Primeira Guerra Mundial e das mudanças na técnica, das novidades que a guerra trouxe para a técnica militar: o tanque, o avião, a metralhadora pesada de rapidez de tiro muito maior. Contudo, os oficiais terminavam a Escola Militar, chegavam nos quartéis e não tinham nada disso. Tinham uma decepção tremenda porque nos quartéis só havia o fuzil Mauser de 1908. Nem fuzil-metralhadora não havia. Por isso havia também descontentamento.

Agora, acima disso, veio contribuir ainda mais para mobilizar os tenentes, a jovem oficialidade, a coincidência com a campanha presidencial. Porque em 1930,

no primeiro de março, deveria se realizar a eleição para Presidente da República para a substituição do Washington Luiz. Isto também trouxe um choque político ao país¹

NÃO HÁ TRADIÇÃO PARTIDÁRIA NO BRASIL

No nosso país os partidos políticos não tem nenhuma tradição. não há tradição de partido político no Brasil. No Império eram aqueles dois partidos iguais: Liberal e Conservador.

Já se dizia que não havia nada mais parecido com um Conservador do que um Liberal quando chegava ao poder. Eram iguais. A crise do partido² dependia do interesse do Imperador. O Imperador, interessado em substituir um partido por outro, colocava abaixo um ministério e subia o outro ministério... Havia eleição. Tinha até maioria no Congresso, na Câmara e no Senado. O ministério escolhido pelo Imperador era, em geral, do outro partido. Alternavam os partidos. Era o Poder Moderador do Imperador. Ele colocava abaixo um ministério e convocava outro ministério.

Quando havia uma eleição presidencial na República, os partidos se recompunham em dois blocos: o bloco do candidato do governo e o bloco do candidato da oposição. A primeira vez que eu vi isso, participei, tinha 10, 11 anos de idade. Foi na campanha chamada *Civilita*. A luta do Rui Barbosa com o Hermes da Fonseca, em 1909 ou 1910. Ele assumiu o governo... A eleição foi em

1 São mencionadas aqui as eleições presidenciais de 1930, embora Luis Carlos Prestes estivesse falando inicialmente daquelas realizadas em 1922.

2 O entrevistado provavelmente se refere à crise de governo e não de partido.

1910. Em março de 1910. Eu era garoto, tinha 12 anos e participei do comício. Minha mãe tinha sempre atividade política e me levava. Eu vi o Rui Barbosa quando chegou da Bahia. Um grande comício que aconteceu na Avenida Rio Branco. Falou lá, da sacada do *Jornal do Comércio*.

Os partidos se recompõem nos dois blocos. O bloco do governo e o bloco da oposição. Isso não houve depois de 1914 porque aí os políticos - a guerra estava próxima - se entenderam e surgiu um candidato de conciliação que foi o Venceslau Brás. Porém, em 1918, começou a haver diferença, principalmente depois que o presidente eleito, que era o Rodrigues Alves, morreu antes de assumir o poder. Então houve uma outra eleição. E, aí, já houve uma luta do Rui Barbosa com o Epitácio [Pessoa]. Depois vem a divisão dos dois. E, em 1922, o Bernardes e o Júlio Prestes.³

"QUANTO AOS MILITARES, SE COMPRA. COM TODOS OS GALÕES INCORPADOS"

Houve uma luta muito acesa e para agravar ainda mais esse problema que foi a participação dos tenentes, o *Correio da Manhã*, que era o jornal mais lido aqui do Brasil, principalmente aqui no Rio, dirigido por um jornalista de renome, muito combativo, o Edmundo Bittencourt, publicou uma série de cartas do [Artur] Bernardes. Foi dito que encontraram uma pasta, do Raul Soares - que era um amigo do Bernardes - e que essa pasta tinha cartas do Bernardes ao

³ Luis Carlos Prestes confundiu-se em relação aos candidatos à Presidência uma vez que o adversário de Artur Bernardes foi Nilo Peçanha. Júlio Prestes foi o adversário vitorioso de Getúlio Vargas em 1930.

Raul Soares a respeito do que ele deveria fazer para arranjar votos.

Essas cartas insultavam o Exército. Numa delas o Bernardes dizia: "quanto aos militares se compra. Com todos os galões incorpados (sic)."⁴ Isso teve uma repercussão grande na oficialidade. Eu era tenente nesta época e desde que eu saí aspirante a tenente era sócio do Clube Militar. Mas eu não freqüentava o Clube porque suas reuniões eram festivas e a minha família era pobre. Eu tinha minha mãe, quatro irmãs e essas irmãs não tinham vestidos para as festas. Nem eu ia às festas, não me interessava. Nunca tinha ido ao Clube. Fui lá só para ser sócio, mais nada, dava minha contribuição.

Mas foi anunciado nos jornais que o Clube Militar ia se reunir - isso já em 1929⁵ - para discutir o problema das cartas do Bernardes, com a intenção de mandar apurar se elas eram verdadeiras ou não. Achei que era um dever meu ir até lá, para tomar uma posição.

Fui educado de uma maneira diferente dos outros colegas. O meu pai morreu em 1908 e eu fiquei órfão com 10 anos de idade. Eu fui educado pela minha mãe numa crítica tremenda aos militares. Era mulher de oficial do exército. Meu pai era capitão quando morreu. Ela conhecia bem a relação dos oficiais entre si.

Fala-se muito de solidariedade entre militares, mas não existia. No regime capitalista o que há é a concorrência. Cada um procura pisar nos outros para subir mais sozinho, etc.

⁴ A referida carta, publicada pelo jornal *Correio da Manhã* em 09 de outubro de 1921, afirmava, em relação aos militares, "...compre-os com todos os seus bordados e galões..."

⁵ O entrevistado confundiu-se em relação ao ano da reunião que provavelmente ocorreu no final de 1921.

Ela me contava muito isso que solidariedade entre oficiais não existe. É um mito, é imaginação e eu não tinha nenhuma ilusão de que se fosse verificar se a carta era verdadeira ou não. Não iam fazer coisa nenhuma porque não tinha entre eles unidade, entre os oficiais, entre os tenentes, para poder fazer alguma coisa porque não havia solidariedade de fato. Essa é a minha opinião.

Fui ao Clube Militar com o objetivo de justamente dizer isso. Que não valia a pena apurar porque o que o Bernardes dizia é o que todos os políticos pensam do Exército mesmo, das Forças Armadas. É isso mesmo! Para que apurar, passar recibo que a carta era verdadeira e depois não fazer nada?

Eu tinha participado da Vila Militar. Eu era tenente na Companhia Ferroviária de Deodoro e via o que os oficiais faziam. De Manhã, seis horas da Manhã, chegavam no quartel. Iam dar uns berros lá com o sargento e com o cabo, para dar instruções, porque ele - o sargento - não dava. Era o cabo quem dava instrução ao soldado. Depois iam para o cassino dos oficiais para falar mal da vida alheia e jogar cartas, jogar bilhar, jogar o que quiser. Depois almoçavam lá a bóia do soldado porque o oficial não tem etapa.⁶ O oficial não tem direito à bóia do quartel. Mas a melhor bóia é a do oficial. A etapa é do soldado. O soldado come a porcaria. Os oficiais comem uma bóia melhor. Depois assinam o expediente e voltam para o cassino e ficam olhando para o relógio a xingar o comandante porque ainda não foi embora. O comandante saía, saía todo mundo atrás do comandante. não liam nenhum livro, nem jornal. Isso era a Vila

Militar. E hoje não é muito diferente não. Em todo caso... Eu dou esse testemunho daquela época.

Eu trabalhei ali na Vila Militar. Construí a linha de bonde da que vai até o extremo da Vila Militar e via qual era o comportamento deles. não é que eu não confiasse, absolutamente, nada disso. Então, eu cheguei ao Clube Militar. O Clube tinha cerca de mil oficiais e já uma paixão política tremenda. Os bernardistas (um grupo de generais e coronéis) e aquela oficialidade mais jovem, toda contra o Bernardes. Houve uma discussão séria e quando houve a votação, somente uns quarenta ficaram contra a perícia. A maioria, oitocentos e tantos, votaram a favor da perícia.

Nessa época eu já era instrutor na Escola Militar. Como tinha sido o primeiro aluno da turma e eles convidavam os primeiros alunos, fiquei um ano no quartel. Depois de um ano já pude ser instrutor e auxiliar de instrutor e depois instrutor de engenharia.

Quando eu cheguei lá na Escola Militar, no dia seguinte dessa sessão, os meus colegas não queriam nem falar comigo, viravam as costas porque eu votei contra a perícia da carta. Foi um amigo meu, o tenente... qual o nome dele... Cunha Cruz... o primeiro nome dele agora me escapa.⁷ Esse tenente era meu amigo pessoal e veio falar comigo. Disse ele: "como é que você foi votar contra. Os companheiros estão todos horrorizados". Eu disse que eles não compreenderam meu gesto:

"acho que não vale a pena fazer perícia nenhuma. Essas cartas são verdadeiras. O Bernardes já disse que não são dele. Então o Bernardes não

⁶ Termo militar cujo significado pode ser, no caso em questão, a ração diária dos soldados.

⁷ Provavelmente o entrevistado está se referindo a um dos futuros comandantes da Coluna Miguel Costa-Prestes, Paulo Krüger da Cunha Cruz.

sustentou. Para que vai se fazer perícia das cartas? Aí, toca isso prá diante, o que é que vocês vão fazer depois? Não vão fazer nada. Mas teve um certo significado, se vocês compreenderam minha posição. Fui lá, fiz aquilo para desmascará-lo. Mas se vocês fizerem alguma coisa, enquanto eu vestir essa farda, eu estou participando também. Eu também sou favorável a uma luta contra uma eleição fraudulenta igual a essa."

Só aí eles compreenderam qual era a minha posição.

Mais tarde começou a conspiração. A arma do oficial para lutar contra o governo é a conspiração, o segredo. Mas não havia segredo nenhum. Era um escândalo. Reuniam um monte de oficiais numa casa, dessas de parede meia. Na casa do outro lado estavam ouvindo tudo. A brigarem uns com os outros. Os oficiais do exército a dizerem que a coisa não saía porque os oficiais da marinha não queriam. Os oficiais da marinha dizendo que eram os do exército. Acabou que a polícia sabia mais que os conspiradores. Essa é que era a realidade.

Toda a tentativa que se fazia e depois se fez, todas elas fracassaram porque a polícia estava a par. Depois veio um homem que já tinha mais experiência para dirigir a conspiração. Foi o general Joaquim Inácio Cardoso, pai desse Fernando Henrique Cardoso. É uma família toda militar. Ele foi tenente de Floriano Peixoto e era uma homem experiente. Tinha estado em Pernambuco e era general já. Ele dirigia a coisa com um pouco mais critério para fazer menos barulho. Eu ainda me lembro da última reunião que participei, no dia 13 de junho de 1922, já no ano seguinte. Eu participei dessa reunião e quando o general Inácio Cardoso encerrou a reunião disse: "mas afinal só estão mesmos

dispostos a Escola Militar do Realengo e a companhia ferroviária."

Porque cada um dos que representava o quartel da Vila Militar tinha sempre uma objeção. Não pode ser porque nós temos pouca munição. Outros achavam que o movimento estava precário. Então se concluiu que prontos mesmo para a luta só estavam a Escola Militar e o Realengo, onde a cadetada (sic) estava louca para fazer um movimento. Não era político, Não, era contra o comandante. Eles queriam por o comandante abaixo. O comandante estava colocando disciplina na escola. A escola tinha passado por anos de uma indisciplina, anarquia total e foi para lá um coronel que começou a colocar disciplina. Então eles queriam se livrar do comandante. E a companhia ferroviária que era a minha. Eu só dizia o seguinte: "eu tenho tanto medo de que esse falatório todo caia nos ouvidos da polícia..." Porque havia uma porção de tenentes lá que eram mais jovens do que eu. Mas eu era o tenente mais antigo da companhia ferroviária e depois de mim só havia o capitão. E o capitão estava estudando medicina, de maneira que ele quase que não ia lá. Quem comandava a companhia era eu, a companhia ferroviária ali em Deodoro. Eu tinha um prestígio grande sobre os sargentos, os soldados, os cabos. Então eu disse aos tenentes, uns cinco tenentes, mais internos (sic) do que eu:

"olha, vocês todos estão de acordo. Eu só é que compareço lá. E aqui nós vamos ser ultra disciplinados para que o comandante não desconfie de nada."

E o comandante realmente não podia nem imaginar que eu, disciplinado e disciplinador como era, estivesse conspirando contra o governo. Era isto que nos salvava. Então, eu vou lá e

depois vou informando a vocês o pé em que a situação está. Eu fui fazendo.... Eu só dizia isso: "a minha companhia está pronta. Cumpre ordens."

Eu já tinha tudo preparado, já tinha até... loucuras... porque nós íamos fazer como se fizéssemos uma loucura porque nós íamos atacar os paióis de infantaria Deodoro. Deodoro tinha um paiol de infantaria. Tomar aquilo era muito... Nem se colocássemos fogo fariamos explodir aquilo tudo... Essa era a minha intenção. Estava tudo pronto. Já estava tudo preparado. Tinha três tarefas: tomar os paióis de Deodoro e pegar a munição, etc, ocupar a estação da estrada de ferro Central do Brasil e cortar todas as comunicações da Vila Militar com a cidade... cortar tudo quanto é telefone, telegrafo. Eu dizia consciente: "a minha companhia cumpre ordens. Está pronta pra cumprir a sua tarefa." Isso foi no dia 13 de junho.

Cheguei em casa, estava com uma febre desgraçada, mandei chamar o médico: era tifo. Eu trabalhava numa Vila Militar, onde havia muita água poluída por ali. Peguei uma febre tífica, uma febre de 40 graus, uma coisa terrível. O tratamento do tifo naquela época era dieta hídrica. Só tomava água. Não comia nada. O tifo é doença intestinal. Então eu não podia comer coisa nenhuma.

Foi nesse ínterim que a situação foi se agravando e no dia primeiro de julho, no dia 2 de julho, o Epitácio, Presidente da República, prendeu o marechal Hermes, que era a figura mais destacada do exército. Ele prendeu porque o Marechal tinha passado um telegrama político para Pernambuco. O Presidente achava que aquilo era ato de indisciplina. Ele foi preso por 48 horas, 72, um determinado tempo. Então os tenentes resolveram fazer o levante. Fizeram o levante no dia 5

de julho. Na véspera eu soube que ia haver o levante.

Eu tinha um vizinho que era meu amigo e capitão do Exército: Alberico de Albuquerque Lima. Eu estava na cama, num estado de fraqueza total, de 13 de junho até 4 de julho. Eram quase vinte dias de dieta. Mas eu ouvi os passos dele, na calçada. Ele entrou em casa. Daí a pouco vi que ele saía de novo. Quando ele saiu eu abri a janela, minha cama estava junto à janela, e perguntei: "o que é que há?" Aí, ele não pode me negar. Era naquela noite que ia haver o levante. À meia-noite ou dez horas da noite a Vila Militar ia se levantar, os corpos todos iam se levantar.

A minha mãe tinha saído justamente para ir ao médico e trazer os remédios. Quando ela chegou eu disse: "vê meu fardamento aí que eu vou me fardar." Ela disse: "ah, você não pode. Você vai..." Não, eu vou para lá, porque era para eu ir para lá, para o quartel. Ela dobrou o fardamento e quando eu comecei a me fardar tive uma síncope, perdi os sentidos. Não pude, não tinha condições mesmo. Mas fiquei pensando e aderi ao movimento armado. Dentro de um dia, dois dias eu podia traçar melhor, porque eu estava começando a convalescência. Podia melhorar. Mas o movimento foi esmagado naquela noite mesmo.

Houve aquele gesto do Siqueira Campos, os Dezoito do Forte que obteve uma repercussão muito grande. Lá no Forte de Copacabana chegaram a ter uns duzentos e tantos soldados. Ali, juntos, no Forte, do outro lado da serra, do morro, tinha o Forte do Leme. Este, que não tinha defesa, recuou para procurar ajuda de Copacabana. Tinha um grande número de oficiais também. Tenentes estiveram lá. O Siqueira [Campos] me contava que estiveram cerca de

duzentos. Mas o comandante do Forte um filho do Raimundo da Fonseca, o Leônidas da Fonseca, foi convidado a parlamentar com o governo. Ele foi parlamentar e o governo do Epitácio prendeu-o. Então, quando ele foi preso, essa oficialidade toda que estava lá dentro entrou em pânico e resolveu ir embora. Ficaram lá uns quatro oficiais e quatorze soldados. São os Dezoito. E o próprio Siqueira disse: "quem não quiser que vá embora, porque eu não vou me entregar". Os oficiais eram o Siqueira Campos, o Eduardo Gomes, o tenente Mário Ferreira e o tenente Newton Prado. Eram quatro oficiais e os soldados.⁸

Há uma discussão, porque uns dizem que são menos de dezoito, mais de dezoito. Nos livros do Hélio Silva você tem lá. Porque o livro dele só serve pelo material, porque opinião dele ele não dá, sobre coisa nenhuma. É um historiador que não tem opinião. Ele só faz crônica e coloca os documentos.

De maneira que a coisa fracassou completamente. Deste gesto do Siqueira, cairam todos, mortos ou feridos. Eles avançaram. O governo já tinha colocado três mil homens de infantaria lá, em torno da fortaleza e o capitão Ferreira estava quase tomando uma metralhadora quando ele levou um tiro na cabeça e morreu.⁹ Morreu o Newton Prado. O Siqueira teve um talho no ventre. O Eduardo Gomes quebrou o fêmur. Foram os dois feridos. (...) salvou a vida

deles.¹⁰ Os outros morreram. Os soldados, alguns morreram e outros foram feridos. Esse gesto teve uma repercussão muito grande no movimento do exército e da Nação mesmo. O *Correio da Manhã* chegou a publicar poesias, hinos, músicas sobre isso: "Os Dezoito do Forte." (...) determinou que a conspiração continuasse.¹¹ Então os tenentes foram conspirar mais em São Paulo. Essa foi a participação dos tenentes no movimento de 30.

NÃO SE PODE DIZER QUE, IDEOLOGICAMENTE, O MOVIMENTO ERA PEQUENO-BURGUÊS

Apreciando isso do ponto de vista histórico, há no Brasil duas correntes de opinião: há a corrente do primeiro livro que saiu sobre isso que é o do Santa Rosa, Virgílio Santa Rosa, *O Sentido do Tenentismo*, que vê no movimento tenentista, todo ele, tomado em conjunto, quer dizer, incluído, portanto, até a marcha da Coluna, que mais tarde se deu, como tendo um elemento pequeno-burguês, ideologicamente pequeno-burguês. Outros viram o movimento como militar. Quer dizer, que tinha todas as tradições reacionárias e autoritárias do militar. Há estas duas tendências que parecem que são exageradas. Tanto uma como a outra.

O que havia eram as duas coisas. não se pode dizer que ideologicamente o movimento fosse pequeno-burguês. Porque grandes massas de soldados participaram. E, depois, com a marcha da Coluna, nós tivemos milhares de homens. "Avantes de São Paulo" era um movi-

8 Havia entre os assim chamados "18 do Forte" um civil, Otávio Correia, cujo nome Prestes não menciona.

9 Anteriormente o entrevistado havia se referido a Mário Ferreira como sendo tenente e não capitão. A verdadeira patente deste personagem é a de tenente. Além disto, as referências por mim encontradas dão como seu nome Mário Carpenter.

10 O inicio desta frase não pôde ser transcrita pois estava ininteligível.

11 O inicio desta frase também não pôde ser transcrita pois estava ininteligível.

mento tenentista também. E a ideologia desta gente qual era? Eram operários, eram camponeses, uma massa popular.

Havia influência também do autoritarismo militar. Porque os movimentos tem sempre este aspecto militar. Mesmo na marcha da Coluna foram os oficiais de uma certa tradição no exército que fizeram a marcha.

É um assunto que merece estudo. A minha filha tem escrito alguma coisa sobre isso. Eu dei a ela todo o material da Coluna e ela está fazendo uma tese justamente sobre esse problema. Sua tese é mais particularmente sobre a Coluna. Naturalmente ela trata dos antecedentes e depois entra realmente no que foi a marcha da Coluna. Isso é o que eu posso te dizer sobre o assunto.

Eu não confiava na solidariedade entre os militares. E por isso é que eu fui lá para o Clube Militar para mostrar que não havia essa solidariedade. E foi o que aconteceu, porque depois que o especialista disse que a carta era mesmo do Bernardes, o Clube Militar se reuniu de novo e você sabe qual foi a decisão que eles tomaram? Entregar o caso ao julgamento da Nação. A mesma coisa que nada, depois de ter feito todo um escândalo, como fizeram. Fizeram a perícia das cartas, o Bernardes contestou, com outras perícias, mostrando que a carta era falsa. Depois apareceu um cidadão que disse que foi ele quem falsificou as cartas. Um tal Lacerda, uma coisa assim, não sei bem o nome dele.¹² E o Bernardes, como político, devia ser mais prudente para não dizer certas coisas insultosas (sic) ao meio militar, embora essa

seja a opinião dos políticos sobre os militares. Já era e agora ainda é pior.

Isso podia existir espontaneamente, mas não havia nenhuma consciência, não havia nenhuma consciência ideológica de que tivesse realmente havido. Eram oficiais do exército. A origem deles, na maioria, era pequeno-burguesa embora tivesse também muitos filhos de latifundiários, de reacionários. Eram oficiais do exército. Porque o que não havia no exército naquela época era filho de operário. Agora já está entrando filho de operário também na Escola Militar. Estudam aí nas escolas do CIEPS, do Ministério do Trabalho, fazem concurso e entram para a Escola Militar. Agora já tem filho de operário que tem entrado na Escola Militar. Apesar da vigilância que o Estado Maior faz, porque ele tem muito medo disso.

O PARTIDO QUE TINHA ALGUMA TEORIA E QUE DEFENDIA UMA POSIÇÃO IDEOLÓGICA ERA O PARTIDO COMUNISTA

Aqui no Brasil a maioria dos partidos quase não tinha organização. Eram partidos demagógicos e ligados à massa. E o maior demagogo naquela época foi o Maurício de Lacerda. Era o pai do Carlos Lacerda. No ano de 1930 ele já foi vereador na Câmara Municipal. Foi eleito em 1927, parece, no governo Washington Luiz. Quando o Washington Luiz assumiu o governo houve eleição municipal e ele foi eleito. Agora, o partido que tinha alguma teoria, defendia teoricamente uma posição ideológica era o Partido Comunista. Esse foi fundado em 1922. Mas de comunista esse partido tinha muito pouco. Porque ele foi fundado por um grupo de operários anarco-

¹² Provavelmente Luis Carlos Prestes está se referindo a Olídemar Lacerda, aquele que, segundo o *Correio da Manhã*, entregou a carta supostamente escrita por Artur Bernardes.

sindicalistas. A ideologia que predominava no meio operário brasileiro, trazida pelos estrangeiros - pelos espanhóis, italianos, portugueses - que vinham para cá era anarquista ou anarco-sindicalista. Alguns anarquistas mesmo. Outros eram só sindicalistas anarquistas. Eles eram contrários a qualquer poder. A posição deles era contra todo o poder. Qualquer poder. Isso era a posição do anarquista.

A Revolução de 1917 na Rússia teve uma repercussão muito grande no meio operário brasileiro. Aqui no Rio e na capital de São Paulo houve grandes manifestações de rua e de apoio. A classe operária espontaneamente sentiu que realmente era um grande passo. Pela primeira vez os explorados chegavam ao poder. Mas isso colocava abaixo toda a teoria anarquista deles. Eles lutavam contra qualquer poder e a classe operária na Rússia tomava o poder. Foi a morte do anarquismo.

Eles acharam que o que deviam fazer era fundar um partido comunista. Começaram com uma revista: *Comunista*, parece.¹³ Isso você encontra no livrinho do Astrojildo Pereira, sobre a formação do Partido Comunista.¹⁴ Ele mostra qual foi o caminho que eles adotaram.

Eles se reuniram e no 25 de março fizeram o primeiro congresso de fundação do partido. De marxismo eles não entendiam nada. Nem o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels havia sido traduzido ainda para o português. A primeira tradução do *Manifesto Comunista* do Marx e Engels foi em 1924. Foi o [Otávio] Brandão que traduziu. Os outros livros marxistas eram realmente

desconhecidos. Um intelectual ou outro é que recebia alguma coisa da França. Mas a perseguição ao comunismo foi tanta que nunca surgiu no Brasil um intelectual capaz de formar uma corrente intelectual marxista. Coisa que houve na Rússia czarista. Na Rússia czarista da segunda metade do século passado tinha uma intelectualidade de alto nível. Os melhores romancistas do mundo naquela época eram russos. A minha mãe, por exemplo, que nasceu em 1874, na sua juventude, na década de 90, lia Tolstói, Dostoiévski, Gogol. Muitos outros escritores. Os franceses tinham predominado na primeira metade do século. Aquele da *Comédia Humana*, Balzac e Victor Hugo.

Essa intelectualidade de alto nível lutava contra o czarismo. E estava voltada para o Ocidente. Falavam perfeitamente o francês. Falavam mais o francês do que o Russo. A própria aristocracia russa falava mais o francês do que o russo. O russo era comparado a um idioma selvagem. Tudo o que surgia no Ocidente de positivo, de novo, eles levavam para a Rússia. Por isso a Rússia foi o primeiro país que traduziu *O Capital* de Marx. O livro de Marx editado em alemão, um ano e pouco depois, antes de dois anos, estava traduzido para o russo. E surgiu na Rússia czarista, na segunda metade do século passado, uma corrente intelectual marxista: o "marxismo legal". Eram marxistas teóricos só. não participavam da ação de massas. Esta ação não era baseada no marxismo. Era o populismo russo que predominava na luta. Ele tentava levar o esclarecimento ao camponês para se levantar contra a opressão czarista.

Os marxistas não participavam dessa luta. Eram teóricos e conheciam de fato o marxismo. E entre eles havia um que

13 Luis Carlos Prestes está se referindo à publicação intitulada *Movimento Comunista*, dos anos de 1922 e 1923.

14 O livro mencionado é *Construindo o PCB (1922-1924)*, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

era chamado de mestre, mestre de Lênin, que foi Plekhanov. Plekhanov foi mestre de Lênin e participava dessa corrente. Lênin chamava essa corrente, marxista legal, de marxismo de cátedra. Professores marxistas. E foi ai que ele colheu os quadros para formar o partido.

O partido bolchevique nasceu só em 1903. Fizeram uma tentativa em 1901, mas não conseguiram. Em 1903 Lênin já havia publicado seu primeiro livro dedicado ao marxismo que era *Que Fazer?* E já tinha fundado o jornal a *Iskra*. A *Iskra* era um jornal clandestino, impresso na Europa, e mandado para a Rússia.

Mas aqui no Brasil isso não se deu porque a pobreza filosófica no nosso país é muito grande. A filosofia dominante aqui era a católica. A mais avançada era o tomismo. Era essa a filosofia que existia aqui. De tal maneira que o positivismo, que surgiu no século passado, justamente depois da Revolução de 1848, que foi uma grande Revolução operária na Europa... Então, esmagada essa Revolução a filosofia positivista de Augusto Comte surgiu nitidamente para ganhar, esmagar o movimento operário. Era uma filosofia profundamente reacionária. Mas o positivismo, uma filosofia assim toda reacionária, no Brasil, como não havia nenhuma cultura filosófica, teve um papel progressista.

Recebemos aqui na Escola Militar o Benjamim Constant, um professor de matemática, que introduziu o positivismo. O Comte tinha uma porção de livros sobre matemática. Começando pelos livros de matemática ele encontrou a filosofia do Augusto Comte que era profundamente reacionária.

Comte acabou fundando uma religião, igualzinha à religião católica. Sómente que em vez da Virgem Maria ele botou a mulher que ele amava, a Clotilde

de Vaux, a iluminada virgem Maria representando a Humanidade.

Eu conheço bem essa coisa porque meu pai foi simpatizante do positivismo. não chegou a entrar para a igreja positivista. A minha mãe não quis e ele não entrou. Mas ele tinha quase toda a biblioteca positivista. O Comte aconselhava os livros que se devia ler. Tudo o que havia de bom feito pela Humanidade estava lá na biblioteca do Comte: todos os filósofos do século XVIII, da França, desde Voltaire, Rousseau, Diderot, etc. Ele tinha os livros desses filósofos. A mim, me ajudaram muito na minha vida, mais tarde.

Voltando ao assunto, não surgiu uma corrente marxista. E o partido ignorava o marxismo. Então começou a cometer erros. O marxismo não é dogma. O marxismo é um método de ação e tem que se aplicar a uma determinada realidade. não tem modelo, não se repete. A Revolução Russa foi uma coisa. Aqui no Brasil ia ser outra.

A Revolução soviética, a Revolução socialista tem que estar de acordo com a realidade de origem da qual se parte. O Partido Comunista, no início, não conhecia nem o marxismo nem a realidade brasileira, que é muito complexa. O Brasil, de estado para estado, quase que de município para município, é diferente. E até hoje não há um único trabalho sobre o desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

Lênin, com 25 anos de idade, escreveu um livro de quatrocentas páginas sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia.¹⁵ Baseado em quê? Ele baseou-se nas estatísticas do Estado russo

15 *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia. O Processo de formação do mercado interno para a grande indústria*, com edições no Brasil pelas editoras Livraria Editora Ciências Humanas e Abril Cultural.

que eram ótimas, coisa que nós não temos.

Aqui, há pouco tempo falava-se "qual é a taxa de inflação?" Surgiam lá três números diferentes. Havia o do Ministério da Fazenda, o do Banco do Brasil e o da fundação Getúlio Vargas. Cada um tinha um número diferente. Qual o verdadeiro número? Então, fica difícil a gente escrever um livro como esse do Lênin, aqui no Brasil, porque a confusão ainda é muito grande. Então, não se conhecia a realidade. não conhecendo a realidade a política acaba por ser errada.

O livro do Brandão, que exerceu uma influência muito grande na direção do partido, é um tema completamente errado. *Agrarismo e Industrialismo...*¹⁶ Ele resolveu criar uma oposição entre o agrarismo e o industrialismo e batizou: o agrarismo está com o Imperialismo Inglês e a industrialização está com o Imperialismo Americano. Isso é artificial. É completamente artificial... E ele não tinha noção nenhuma de dialética. Ele dizia que o governo do Bernardes foi pior do que o governo do Epitácio. O Governo do Washington Luiz foi pior que o do Bernardes. E que o futuro que viria seria pior que o do Washington Luiz. Isso era a dialética dele. Um mecanicismo vulgar. não tem nada a ver com dialética. E não era de admirar muito isso não, porque o Mao Tsé-tung também não sabia nada de dialética. E não aprendeu. não deve ter aprendido. não, não aprendeu. Pobre coitado do Mao Tsé-tung... Ele era um professor pequeno-burguês. Foi o libertador da China, segundo alguns. Libertou a China

do colonialismo. Mas quando ele quis construir o socialismo... aí meteu os pés pelas mãos. Para mim ele começou a errar. Logo nos primeiros planos quinquenais, os técnicos soviéticos foram lá e disseram que aquilo ali era um absurdo. não podia acontecer aquilo. Ele queria em 5 anos aumentar a produção de aço da China de 4 milhões de toneladas, que eles produziam, para 20. Os soviéticos não tinham tempo nem para construir os altos-fornos para produzir 20 milhões de toneladas.

O primeiro plano quinquenal de Mao fracassou completamente. E daí veio a briga com os soviéticos. Eles começaram a desconsiderar os técnicos soviéticos e estes tiveram que se afastar, se foram. Eu estive lá na China em 59 e as relações eram muito boas. Daí em diante a coisa se rompeu.

Eu falei com o Mao Tsé-tung e vi que ele não sabia nada de dialética. Primeiro, ele recebeu uma delegação do nosso partido. Eu e mais dois companheiros, dentro de um palácio. Tem palácios em quantidade lá em Pequim... Em vez de me receber num palácio ele me recebeu num vagão de estrada de ferro.¹⁷

Como ele só viajou uma vez, só saiu da China uma vez, foi a Moscou e voltou, ele não sabia nada daqui do Brasil. Começou a falar sobre o Brasil. Parecia que o Brasil era um país selvagem. Devia ter cobra pela Avenida Rio Branco... Ele só dizia besteira... E como eram dois jovens que estavam comigo, não quis deixar que ele continuasse. Se ele continuasse não sei onde ele ia parar... Então o interrompi: "o Brasil tem essas características, etc., etc., mas já é um país industrial. Está produzindo quatro milhões de toneladas de aço." Naquela época,

16 Referência ao livro de Otávio Brandão, *Agrarismo e Industrialismo: Ensaio Marxista-Leninista Sobre a Revolta de São Paulo e a Guerra de Classe no Brasil*, dc 1924.

17 Embora esta passagem esteja contraditória optei por não suprimi-la.

já em 1959, já estava produzindo isso. Quatro milhões de toneladas de aço! Aí ele falou, pensou, e disse:

"Você tem razão, a China também hoje produz quatro milhões de toneladas de aço. Mas a China tem uma população, hoje, dez vezes maior que a do Brasil."

O Brasil tinha oitenta milhões. A China já tinha oitocentos milhões. Então, a conclusão dele, "dialética", sabe qual foi? A China socialista era dez vezes mais atrasada que o Brasil. Tinha uma população dez vezes maior, produzia a mesma quantidade de aço. Os dois produziam a mesma quantidade de aço. Era incrível. Isso era a dialética... Simples mecanicismo. Isso é mecanicismo.

Os soviéticos, depois, fizeram críticas muito boas sobre o pensamento dialético de Mao Tsé-tung. Porque ele tem livros sobre dialética. Tem livros sobre isso. Ele está errado, não é dialética. Pensa que é dialética mas não é. E aqui no nosso meio também. O partido cometia erros muito graves.

O BLOCO OPERÁRIO E CAMPONÊS

O Bloco Operário e Camponês... Em 1930 o que havia era o Bloco Operário e Camponês. O BOC elegeu dois vereadores para a Câmara Municipal nas eleições de 1927¹⁸ : O [Otávio] Brandão e o Minervino de Oliveira. Eram dois vereadores e o Brandão, justiça se faça, era muito ativo.

O Lacerda era um demagogo.¹⁹ Ele dizia por conta dele, em 1930, que era soldado do Prestes. Isso ele já dizia no ano de 1929, que era soldado meu.

Quando ele apoiava o Getúlio, o Brandão, que era vereador, aparteava: "mas vereador Lacerda, o Prestes não apóia o Getúlio." E nunca houve uma palavra minha apoiando o Getúlio, minha, pessoal. Então ele ficava engasgado. Mas quando chegou no encerramento da sessão, ia terminar... Parece-me que em 15 de novembro de 1929 encerrava-se a sessão legislativa da Câmara Municipal. O Lacerda mais uma vez disse isso e o Brandão aparteou. E, ele aí, meio desesperado já, e como a candidatura do Getúlio já estava avançando muito, ele resolveu dizer: "não... é com o apoio do Prestes sim."

Recebi logo um telegrama lá em Buenos Aires, que o Lacerda tinha dito isto. Que apoiava o Getúlio com apoio meu. Como eu tinha uma posição contrária, não apoiava o Getúlio, eu passei um telegrama para o Cordeiro de Farias e o Ciro Meireles que eram meus representantes aqui. Porque os tenentes que estavam aqui, que tinham sido da Coluna, o João Alberto, o Cordeiro de Farias, o [Djalma] Dutra e os outros, eles vieram para cá clandestinos. Estavam perseguidos. Foram processados por terem participado da Coluna, mas conspiravam. Então, eu passei um telegrama para eles dizendo: "desmintam de maneira categórica Maurício Lacerda." Eles me responderam: "Aguarde carta." Depois chegou a carta. Era toda para justificar o Maurício. Compreende? Disseram para que não fizesse isso. Que o Maurício era boa pessoa. Estava ajudando muito. Que aquilo que ele havia feito tinha sido num momento de exaltação. Então, dia 20 de novembro de 1929 eu escrevi uma carta datilografada. Era uma lauda só, datilografada, sem espaço, para eles, dizendo que a ruptura entre nós já existia porque eu não apoiava a candidatura de

18 Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

19 Luis Carlos Prestes está se referindo a Maurício de Lacerda

Getúlio e eles já estavam apoiando. Já estavam do lado do Lacerda contra mim.

EM 1928 FUI PARA BUENOS AIRES. ERA UM CENTRO CULTURAL E FOI LÁ QUE TIVE CONTATO COM O MARXISMO

Foram eles que me fizeram, os tenentes que estavam aqui no Rio é que me fizeram, em Buenos Aires, chefe militar da Revolução. Eu era o "chefe", era um título militar. O chefe militar estava exilado em Buenos Aires, de 1928 em diante. Eu passei todo o ano de 1927 na Bolívia, com os soldados. Mas já em 1928 fui para Buenos Aires que era um centro cultural e foi lá que tive contato com o marxismo. Até então eu não sabia nada do marxismo. Na Escola Militar a Revolução Soviética não teve repercussão nenhuma. Nada. Não me lembro de absolutamente nada. Estava no segundo ano da Escola Militar, em 1917, e não me lembro de absolutamente nada. Aqui, a classe operária manifestou-se. Há um livro sobre isso muito interessante, que é *O Ano Vermelho*.²⁰ É interessante porque mostra toda a repercussão aqui no Brasil, na classe operária, da Revolução Soviética de 1917. Tem muita documentação. Mas, lá na Escola Militar nós nem liamos jornais. A minha preocupação lá era só estudar para tirar o curso o mais depressa possível. Porque a minha mãe vivia uma situação financeira muito ruim. Ela ficou viúva. Tinha uma pensão muito pequena. Quatro, cinco filhos. Ela ganhava 200 mil réis. Alugava uma casa de vila,

pagando 80. O resto era para comer, vestir... Quando terminei o Colégio Militar eu ia trabalhar para ajudar a família. Ela é que não deixou. "Vá estudar, nós agüentamos." O curso da escola, para aspirantes, era de três anos. "Nós agüentamos mais três anos essa vida e você vai..." Coitada, ela cosia, cosia para fora. Cosia para arranjar dinheiro. Depois ela arranjou um cargo de professora, à noite. Ganhava 150 mil réis e era penosíssimo. Ela morava no Méier, na boca do mato e tinha que tomar três conduções. Tinha que tomar um bondezinho que vinha da boca do mato até a estação no Méier. Atravessava a linha, aí tomava um outro bonde para ir para a estação de triagem. Lá tomava o trem da Leopoldina, que nessa época vinha cheio. Ela tinha que tomar isso mais ou menos às 6h, 7h. Para entrar no trem precisava quase ser empurrada. E saltava lá em Ramos, Olaria. A aula era das 8 às 10 e às 11h ela tinha que fazer a viagem de volta. Em geral eu ia para o Méier para recebê-la...

QUEM MANDAVA NO BRASIL ERAM OS FAZENDEIROS DE CAFÉ. DE OUTRO LADO, SURGIU A CANDIDATURA VARGAS

Em 1930 surgiram duas candidaturas. De um lado, o Júlio Prestes. Era um fazendeiro de Sorocaba, Piratininga, daqueles lados, fazendeiro de café.²¹ E quem mandava no Brasil eram os fazendeiros de café, eram os políticos de São Paulo. E, de outro lado, surgiu a candidatura Vargas. A primeira coisa que houve foi o seguinte: Vargas conseguiu, em primeiro lugar, unificar os políticos gaúchos. Porque o Rio Grande do Sul era o único estado do Brasil onde

²⁰ *O Ano Vermelho: a Revolução Russa e Seus Reflexos no Brasil*, da autoria de L. A. Moniz Bandeira, Clóvis Melo e A. T. Andrade, editado no Rio de Janeiro pela Editora Civilização Brasileira em 1967.

²¹ Júlio Prestes é natural de Itapetininga-SP.

tinha havido luta armada, ainda, logo no início da República. A Revolução de 1893. De um lado o Borges de Medeiros... o [Júlio de] Castilhos, depois o Borges de Medeiros, governando eternamente o Rio Grande. O Borges de Medeiros foi presidente - naquela época era presidente, agora é governador - do estado durante 25 anos. E do outro lado estavam os federalistas, chamados federalistas, porque eram contra a política unitária, positivista do Augusto Comte, etc. A constituição gaúcha tinha muito da orientação positivista. O Castilhos foi o primeiro presidente do estado. Ele tinha *tendências* positivistas. Ele não era propriamente um positivista.

Eu, somente mais tarde, já na prisão, tive ocasião de ler o chamado Catecismo Positivista. Comte fundou uma religião que tinha catecismo. Era a mesma religião católica. Somente tirou a virgem Maria e colocou a Clotilde... a deusa da Humanidade... Representando a Humanidade... Foi isso que ele fez. Mas esse catecismo mostra o reacionarismo do positivismo, dessa religião positivista. Ele achava que o poder político devia caber aos banqueiros e que os filhos de banqueiros já deviam ser educados para serem os dirigentes políticos do Estado. E o filho do operário tinha que ser educado para ser operário. Desde criança ele já tinha uma divisão de classe bastante acentuada. Você, por ai, pode imaginar. Nenhum operário podia mudar de classe, passar para outra classe. Então, isso era o catecismo do Augusto Comte para a religião positivista. Isso eu li na prisão, tomando notas. Você sabe... Na prisão você tem descanso para fazer uma leitura muito mais calma, mais crítica, com o espírito mais crítico.

O Getúlio conseguiu, então, unificar o Rio Grande politicamente.

Como é que ele conseguiu isso? E um mistério, mas eu não acredito em mistérios, não é? De maneira que fui investigar, ver o que houve. O que houve é que naquela época, quando o Getúlio ia se apresentar candidato, ele tinha sido ministro da fazenda do Washington Luiz. Alguns meses só, porque o Washington Luiz tomou posse dia 15 de novembro de 1922 e já no ano de 1923 o Getúlio já estava governador do estado, presidente do estado. Ele larga o Ministério da Fazenda para assumir o governo.

Não sei se foi em janeiro, fevereiro... Logo em seguida ele conseguiu um empréstimo dos banqueiros americanos. Foi um empréstimo de 150 milhões de dólares. Não é pouco. Naquela época era muito. Em condições favoráveis. Com esse dinheiro ele fundou o banco do estado. não havia banco do estado ainda. Havia o banco do Rio Grande, etc., mas era um banco particular. Ele fundou o banco do estado. E com o dinheiro desse banco ele comprou os federalistas. Cada um ganhou um empréstimo. Só para o Assis Brasil, que era o candidato contra o Getúlio para o governo do estado...

Eles estavam tão divididos que no ano de 1923 houve uma luta armada no Rio Grande. Os assistas contra os borgistas. E durou oito ou nove meses essa luta. Todo o ano de 1923 foi um ano de luta armada entre os dois agrupamentos. O Osvaldo Aranha do lado do governo e do outro lado diversos nomes como o [Batista] Luzardo. Ele foi chefe de polícia quando o Getúlio assumiu a Presidência da República. O chefe de polícia do Getúlio foi o Luzardo. É... o Batista Luzardo. Ele era político no Rio Grande e considerado de esquerda.

Quando a Coluna marchava no interior do Brasil havia ao menos uma carta

aqui para o Luzardo descrevendo toda a marcha da Coluna, desde o inicio até Goiás. Esta carta foi escrita na cidade de Poços, em Goiás... E ele leu essa carta na tribuna da câmara. Naquela época não se dizia nada sobre a Coluna. Havia estado de sítio permanente com o Bernardes. O Bernardes não permitia. Por isso, o povo não sabia nada sobre a Coluna. O povo só começou a saber alguma coisa da Coluna a partir do momento em que entramos na Bolívia. Dai o Rafael Correia de Oliveira, que era jornalista d'*O Jornal*, o jornal do Chateau...²² Ele foi o primeiro que esteve lá na Bolivia comigo e publicou uma série de entrevistas sobre o que tinha sido a Coluna. Foi aí que o povo soube que tinha havido a marcha da Coluna não sabia nada. Mas, o Getúlio comprou essa gente. O Assis Brasil recebeu um empréstimo de 1.500 contos. O Luzardo recebeu. E os outros políticos assistas. O Getúlio ganhou todos eles para o lado dele. Então, ele unificou o Rio Grande.

Depois disso, ele conseguiu o apoio do Antonio Carlos, que era o governador de Minas e o apoio do João Pessoa, na Paraíba, formando a Aliança Liberal. Essa Aliança Liberal tinha como uma das figuras mais destacadas o Neves da Fontoura. Ele até foi ministro no estrangeiro. No governo do Bernardes... Do Juscelino. Parece-me que foi do Juscelino...²³

22 Luis Carlos Prestes está se referindo a Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, jornalista que, em 1924, passa a dirigir *O Jornal*, carro-chefe da cadeia jornalística "Diários Associados". Na primeira metade do ano de 1927 foram publicadas duas séries de entrevistas com Prestes e seus companheiros exilados na Bolivia em *O Jornal*. A entrada da Coluna na Bolivia deu-se em fevereiro de 1927.

23 Não consegui verificar esta informação. O mais provável, contudo, é que João Neves da Fontoura tenha participado do governo de Juscelino Kubitschek.

O imperialismo americano estava se aproveitando da situação para penetrar mais no Brasil. Então aproveitou a crise de 1929 para poder entrar, financiando o levante, a luta do Getúlio. E o dinheiro veio de diversas partes. Uma outra parte... A usina hidroelétrica, aliás, a usina elétrica, que gerava energia para Belo Horizonte era uma empresa que estava prosperando, porque o consumo de energia elétrica estava aumentando de ano para ano em Minas Gerais, principalmente em Belo Horizonte. E o Antonio Carlos vendeu a empresa à Light, por quase nada, quase nada, para dar a exploração ao imperialismo inglês.

A Light era inglesa e estava querendo reforçar o seu domínio no Brasil, levando a energia elétrica ao Rio e também a Belo Horizonte. E esse dinheiro, em parte, o Antonio Carlos mandou para o Getúlio, para comprar a gente. Inclusive a mim. Queria mandar dinheiro para mim. Porque eu fui sempre contra, desde o inicio. Eu era contra. Mas, aí, os meus amigos aqui, o João Alberto, o Cordeiro de Farias, etc., que eram a figuras mais destacadas do tenentismo, desde o inicio ficaram com o Getúlio. E me pressionavam. Faziam questão que eu fosse conversar com o Getúlio. Eu, então, em 1929, setembro de 1929, estava em Buenos Aires e resolvi ir lá falar com o Getúlio. Só para desmascará-lo. Só pensava em desmascará-lo.

EU PASSEI UM ANO NA BOLÍVIA E FUI PARA BUENOS AIRES. FOI AÍ QUE EU COMECEI A ME METER NA POLÍTICA

Eu já tinha lido algo de Marx, Engels, de Lênin, tinha ligações com o partido argentino, de maneira que eu acompanhava mais ou menos a posição do

partido. Fiz uma palestra, um discurso. Pela primeira vez na minha vida fiz um discurso, num cinema em Buenos Aires sobre o problema da guerra, da paz contra a guerra, etc. Eu não era homem disso. não tinha atividade política. Eu era um oficial do exército... Depois veio a marcha da Coluna. E eu passei um ano na Bolívia e fui para Buenos Aires. Foi aí que eu comecei a me meter na política.

De maneira que eu era contra a candidatura do Getúlio. Eu dizia a ele. O Getúlio é um latifundiário, não vai fazer Revolução nenhuma; não vai haver nenhuma substituição de classes no poder. Vai substituir um latifundiário por outro. Vai substituir simplesmente a oligarquia paulista pela oligarquia gaúcha. Dizia isso baseado justamente na teoria marxista da luta de classes e da caracterização de classes do Getúlio como um latifundiário. Sem dúvida alguma todo mundo sabia disso. E o partido do Getúlio era o partido do Paulo Medeiros, um partido de grandes fazendeiros, grandes produtores de gado, criadores de gado no Rio Grande do Sul. Embora o Assis Brasil também fosse. O Assis Brasil era mais... tinha outra mentalidade. Uma mentalidade mais liberal, sabe? Mas, muito reacionário... queria enriquecer cada vez mais.

Então, eu fui recebido pelo Getúlio. Fui lá mas não confiava absolutamente na polícia do Getúlio, de maneira que eu fui de surpresa. Eu não tinha nem documento. Eu estava na Argentina, no meu nome mesmo, mas, a vigilância da polícia estava sobre mim. E eu viajei com o tenente... um ex-aluno da Escola Militar, Emídio Miranda. Tinha sido meu ajudante de ordens na Coluna e estava lá em Buenos Aires; Então viajamos juntos. Fui lá para Porto Alegre e mandei dizer ao Osvaldo Aranha, que era o Secretário

de Segurança, que eu estava lá para falar com o Getúlio e que ele me recebesse. E ele me recebeu. À meia-noite do dia em que eu cheguei. Foi no dia... em setembro, fins de setembro, 27, 28 de setembro...

Eu disse a ele, Getúlio:

"eu não venho aqui apoiar sua candidatura porque se o senhor for eleito dentro desse regime vai fazer a mesma coisa que os outros, não vai mudar nada. Eu venho aqui porque os meus amigos pediram para o senhor fazer uma Revolução, então, eu vim dizer o que é que eu penso que deve ser uma Revolução."

E expus a ele o que deveria ser uma Revolução agrária e anti-imperialista.

Eu era, na época, cristão novo... eu era sectário, de maneira que fiz uma exposição bastante sectária, falei mais de uma hora, uma hora e tanto, expondo uma Revolução agrária acabada. Monopolizar, acabar com o monopólio da terra, dominar, tomar conta de todas as empresas imperialistas, não pagar a dívida do Brasil no estrangeiro. Enfim, foi essa a discussão que eu fiz. O Getúlio me ouviu com toda a paciência, uma hora e tanto. Depois, quando eu terminei ele fez uma frase... que ele gostava. O tempo todo que eu estava falando ele estava imaginando a frase que ele ia fazer para encerrar... "O Sr. tem a eloquência da convicção". A frase que ele resolveu nos dizer... Se ele queria a nossa aliança, conhecendo meu ponto de vista... Nós exigíamos que facilitasse a ação dos tenentes no Brasil, desse recursos para que a gente pudesse viajar, visitar os quartéis, etc. E, a mim, mandar alguns milhões lá para Buenos Aires que lá, em Buenos Aires, eu poderia comprar armamento. Mas eu queria comprar armamento para colocá-lo onde quisesse. Tudo isso ele

concordou e ficou de mandar o dinheiro. Alguns milhões de contos de réis, lá para Buenos Aires.

Quando eu voltei para Buenos Aires, passei em Montevidéu, tinha lá uns amigos. Acertei com um deles para estabelecer ligação com um banqueiro lá do Uruguai e mandei dizer ao Getúlio que era só mandar o dinheiro através desse amigo. Mas os meses se passaram e não me chegou um tostão. E os meus amigos cada vez mais getulistas. E eu dizendo a eles:

"eu não confio no Getúlio. Acho que não devemos apoiar o Getúlio, porque é a negação da Revolução. Ele quer tomar o poder para..." O Governo dele estava prendendo comunistas importantes. Desde o momento em que ele leu sua plataforma (no Rio) ele continuava prendendo comunistas em Porto Alegre. De maneira que eu não tinha nenhuma ilusão a respeito do Getúlio, entendeu? E, realmente, passaram-se os meses e nada.

Já em janeiro de 1930, eu fui de novo a Porto Alegre. Eu disse: "agora, dessa vez, eu desmascarrei o Getúlio. Ele não mandou um tostão."

Cheguei lá, desculpas e mais desculpas. O Antonio Carlos tinha prometido e não mandou o dinheiro, não mandou nada, mas agora o dinheiro chegaria... Eles tinham vendido a empresa de luz elétrica de Buenos Aires²⁴ e o Antonio Carlos iria mandar o dinheiro. Sempre a mesma lorota.

Afinal, nos despedimos e, já na porta de saída, o Getúlio me perguntou: "O Sr. já leu a minha plataforma?" Eu fui lá em janeiro. No dia 2 ele tinha lido sua plataforma, o programa de governo, na Esplanada do Castelo... "Então, agora que o Sr. já conheceu a minha plataforma o Sr. podia

apoiar minha candidatura." Se havia alguém que não queria luta armada era o Getúlio. Ele queria apenas o prestígio da Coluna porque, a partir de 1927, quando a Coluna ficou conhecida, seu prestígio foi muito grande. Em Pernambuco, o Lima Cavalcanti fundou um jornal: O Diário de Pernambuco, *O Diário da Manhã*, em Pernambuco. A primeira página era o meu retrato de corpo inteiro.

O prestígio da Coluna... durante dois anos e tanto percorremos 25 mil km e o exército não conseguiu nos derrotar. De maneira que isso dava uma força e um prestígio muito grandes. E o Getúlio também estava utilizando isso. Quando ele me disse isso, perguntando se eu podia apoiá-lo, eu disse:

"mas, presidente, eu lamento que tenhamos conversado já tantas horas e eu não me fiz entender. A sua candidatura não me interessa. Eu não estou aqui por causa de candidatura. Eu estou aqui para... pedindo para o Sr. fazer uma Revolução."

Por que ele escreveu aquela plataforma? Se você for ler a plataforma dele tem um trecho lá sobre a reforma agrária. São palavras minhas. Porque nessa época muitos jornalistas brasileiros, do Rio, São Paulo, iam lá para Buenos Aires fazer entrevistas comigo. O assunto que mais se tratava era da reforma agrária. Eu dava minha opinião de acabar com o latifúndio, acabar com o monopólio da terra. E isso ele copiou. Certas partes são palavras minhas que ele meteu ali pensando que com isso iria me ganhar. Você vê a posição dele.

O programa dele era para enganar um bêbado. Era só para isso. Esses programas de presidente, plataformas, são puramente demagógicos.

²⁴ Nesta passagem Luís Carlos Prestes confundiu-se. Provavelmente estava se referindo à empresa de energia elétrica de Belo Horizonte.

Mais uma vez eu não desmascarei o Getúlio. Mas, eu já tinha escrito, em novembro, essa carta aos tenentes em que eu dizia que nós já estávamos divididos porque eles estavam do lado do Getúlio e eu estava contra. Então, eu era uma espécie de general... eles tinham me feito comandante chefe da Revolução um general sem soldados, porque os soldados todos já tinham passado para o lado do Getúlio. Eu nunca estive numa situação de tanto isolamento assim. Fiquei completamente isolado defendendo as minhas idéias. Então eu apressei a elaboração de um documento definindo minha posição. Em março já estava pronto. Nesta carta eu já dizia que a divisão entre nós já existia mas que eu seria fiel ao tenentismo até o fim, até o último momento, até que nos reuníssemos para eu fazer uma declaração de princípio das idéias que eu estava defendendo. De maneira que eu mandei chamá-los a Buenos Aires. E foram todos eles: Miguel Costa, João Alberto, Dutra, Cordeiro de Farias, o Siqueira Campos e outros. Chegaram a Buenos Aires no mês de abril e aí, então, eu li o documento. Esse documento é o chamado "Manifesto de maio" porque foi publicado no mês de maio. No 29 de maio, em São Paulo, no *Diário da Noite*. Eu tinha elaborado em março/abril. Foi lido ali. No dia 24, 25 de abril de 1930 eu li para eles ouvirem. Quando eu acabei só um companheiro desses falou. Os outros continuaram estatelados, olhando. Ele disse somente o seguinte: "Isso que você diz aí..." eu fazia uma apreciação crítica da situação de miséria das massas. A situação de miséria do povo sem trabalho. Tudo consequência da crise de 1929. Fazia uma apreciação crítica e dizia, então, o que se podia fazer: uma Revolução agrária, anti-imperialista, acabar com o latifúndio, tomar conta das

empresas imperialistas. Ele me disse: "Tudo isso que você diz aí é verdade. A apreciação política... Mas agora chegou a nossa hora. Eu não nasci para apóstolo." Falou em nome de todos ali, porque os outros ficaram calados. E ele disse isso. Foi um dos que estavam ali. Eu, em geral, procuro não dar o nome dele porque era um companheiro. Já faleceu. Eu não pretendo desmoralizá-lo...

Já não havia mais nada entre nós. Mas houve um que não se conformou. Foi o Siqueira Campos. Siqueira Campos era muito meu amigo. Nos entendíamos muito bem. Ele insistiu: "Eu quero conversar com você." Eu trabalhava durante o dia. Eu tinha uma casa comercial em Buenos Aires. E durante o dia eu estava vendendo correspondência, essas coisas. E depois do jantar nos reunimos numa mesa. Ele de um lado e eu de outro. Um em frente ao outro e ele a querer me convencer que devia participar. E eu dizia:

"como é que você vai participar dessa luta onde estão todos os nossos inimigos: Epitácio, Bernardes, Borges de Medeiros, toda essa canilha?!"

Ele disse: "esses são os primeiros que eu fuzilo!" "São os primeiros... Eles mesmos é que vão te matar. Se você fizer qualquer tentativa, por que qual é a nossa força efetiva? Qual é o apoio que você tem?"

Porque todos os nossos colegas haviam passado já para o lado do Getúlio. Então, nós não tínhamos força nenhuma. E, realmente, eu fiquei sem nenhuma força. Um tipo de general sem soldados.

Muita gente não comprehende até hoje eu não ter marchado ao lado do Getúlio... Seria desmoralizado completamente porque eu teria que cumprir o que o Getúlio quisesse. Qualquer coisa

que eu quisesse fazer contra o Getúlio eles me matariam logo de cara.

Eu fui dizendo para o Siqueira: "O que tu podes querer..." Porque o Siqueira era homem capaz de fazer alguma coisa. Ele era um homem de muita energia, talento. O homem mais talentoso e corajoso do grupo era ele. Corajoso, valente, bravo. Mas sozinho, sem soldados, como é que ia fazer? Então, foram subordinados todos ao Getúlio... Todos não, eu não participei. Convidaram-me para ser o chefe do estado maior da coluna do Getúlio. Queriam formar uma coluna militar, como se formou mesmo. Eu não iria ser o chefe de coisa nenhuma. Eu iria ser um escravo do Getúlio, marionete dele. Isso aí eu discuti com o Siqueira durante uns dez dias. Eu devo ter perdido aí uns dez quilos. Eu gostava muito dele, ele gostava de mim. Discutimos, discutimos e um dia nós chegamos a conclusão: nem ele me convenceu nem eu consegui convencê-lo.

Ele estava morando em São Paulo, num apartamento. Sabe o que ele fazia nesse apartamento? Estava fabricando bombas de dinamite. Tinha um elemento que fornecia dinamite a ele.

Em 1930, o PCB apresentou a candidatura do Minervino de Oliveira, que era vereador, para a presidência da República. Mas a intelectualidade pequeno-burguesa do partido acompanhou o Getúlio. Ela rompeu com o partido e ficou do lado do Getúlio. O Josias Leão era um deles. Havia também esse que foi deputado em São Paulo mais tarde, o Maurício Goulart. Havia um outro, Nelson Tabajara de Oliveira. Eram diversos nomes... O Siqueira tinha uma habilidade grande de ganhar a juventude. Então ele ganhou esses jovens que passaram a trabalhar com ele.

NESSA ÉPOCA CHEGOU EM BUENOS AIRES UM GRUPO DE TROTSKISTAS

De maneira que o problema foi esse. Eu tomei essa posição contra a candidatura do Getúlio. E eu não sou homem para ficar calado. Depois não veio dinheiro nenhum e eu comecei a fazer pequenos volantes contra a candidatura do Getúlio e mandava os impressos de lá para o Brasil.

Nessa época chegou em Buenos Aires um grupo de trotskistas. O Mário... Como é esse...? O Mário Pedrosa, o Aristides Lobo e outros. Eles estiveram lá pouco tempo e foram embora. Mas ficou lá comigo o Aristides. Uma pessoa muito boa. Um rapaz talentoso. Escrevia em português muito bem. Trabalhamos juntos. Juntos fizemos até um pequeno folheto sobre a reforma agrária em São Paulo, que nunca mais encontrei. Agora dizem que tem um exemplar lá em Campinas, no arquivo Edgar Leuenroth. É um folhetinho sobre uma reforma agrária em São Paulo.

Depois eu tive que passar por uns cursos na Argentina, em outubro de 1930...

Para você ver como estavam ligados... O levante no Rio Grande foi no dia 3 de outubro. Na noite do dia 2 de outubro a polícia me prendeu. A polícia Argentina. Estavam ligados. Prenderam-me. Eu fui para... À meia-noite... Eu fui preso às oito da noite. Estava até jantando. Chegou lá... "Eu vou terminar o meu jantar." Terminei o jantar e fui, saímos. Eram três homens. Fiquei lá numa sala. À meia-noite eles me chamaram à presença do chefe de polícia, um almirante. O tal almirante me disse: "o Sr. insultou os generais da Argentina,

chamou de agentes do imperialismo, serviços do imperialismo". Eu falei: "eu não me lembro, absolutamente, disso." Ele abriu um cofre lá e mostrou uma folha de papel. Reconheci. Fui eu mesmo que tinha batido à máquina.

Tinha havido um levante, um golpe na Bolívia. 1930 foi o ano dos golpes. Houve golpe na Bolívia, depois na Argentina, no Brasil, no Chile e na Colômbia. Rosamira, era uma intelectual, uma poetisa, essas coisas, estava em Buenos Aires e me pediu uma entrevista sobre o golpe da Bolívia e o golpe que estava se preparando na Argentina. Eu disse:

"Mas eu dou por escrito. Você me manda as perguntas e eu dou por escrito as respostas e exijo que a publicação seja na íntegra. Ou publica na íntegra ou não publica."

Então, não foi publicada a entrevista e estava na mão do chefe de polícia. Eu, quando vi o papel percebi que não tinha defesa. O que é que eu ia fazer? Mas eu não sou homem para ficar na defensiva. Tomei a ofensiva em cima do almirante e disse para ele: "mas veja bem a data." Ele disse: "mas o que é que tem a data?" Eu disse: "a data é de agosto, antes do golpe aqui de 6 de setembro. O Sr. vê que eu não tenho culpa se o que eu previa se deu." Ele disse que me fuzilava. Eu previra o golpe militar. Mas depois de uns três dias me libertaram com a permissão de passar imediatamente para o Uruguai, sair da Argentina. Fui expulso, fui para o Uruguai no dia 6 ou 7 de outubro e o Aristides Lobo foi comigo. O movimento de outubro tinha começado no dia 3, mas eu ainda arranjei umas pessoas para irem para a fronteira do Rio Grande para ver se era possível organizar uma tropa independente do Getúlio, a fim de fazer uma luta armada simultânea mas independente.

Logo em seguida veio o 24 de outubro, os generais aqui no Rio se levantaram. O Tasso Fragoso, o Mena Barreto e o almirante Noronha colocaram abaixo o Washington Luiz e o Getúlio estava em Itararé ainda. A força que ele levou foi até Itararé. O combate que não houve. O Barão de Itararé.²⁵ Daí ele foi pacificamente para o Rio, entrou em entendimento lá e tomou o poder. Já no fim de outubro, princípio de novembro ele tomou o poder e concedeu anistia. Eu não ia receber aquela anistia porque chegando lá iam me perseguir. Eu já era considerado comunista. Em maio foi publicado o meu manifesto. Esse manifesto que eu lia aí, que os tenentes leram, que eu li para o Getúlio, foi publicado mais tarde.

O Siqueira morreu em maio. Ele tomou um avião que caiu ali no Prata e morreu afogado. O João Alberto foi o único que se salvou. Eram os dois que haviam tomado o avião. Era um desses de correio que vendia dois, três lugares. Eles iam saltar em Santos mas o Siqueira, meu amigo, morreu afogado... O corpo dele foi mandado para o Brasil e afinal, ele tinha me pedido para dar quinze dias. Ele podia fazer uma loucura qualquer lá em São Paulo. Ele ia fazer um levante muito antes. O do Getúlio foi só em outubro, enquanto que ele pretendia sair dali nos primeiros dias de maio. Ele morreu no dia 10, dia 11 de maio foi que ele morreu, no Prata. E ele pretendia fazer um levante. Ia ser uma loucura. O levante só se deu em outubro...

Eu faço uma crônica assim, porque eu vivi essa coisa. Vivi. Eu posso

25 Nesta passagem Luis Carlos Prestes ironiza Getúlio Vargas com a menção a Aparício Torelly, conhecido humorista brasileiro que se auto-intitulava Barão de Itararé.

comentar. Muita gente dizia "ah, se você tivesse apoiado o Getúlio o caminho tinha sido outro." Como é que um homem sozinho pode mudar. E os tenentes estavam todos com ele. Eram muito mais getulistas do que meus. Abandonaram-me completamente.

As idéias que eu defendia e as idéias do "manifesto de maio" causaram um escândalo muito grande. Quando apareceu, a maior parte dos tenentes ficou surpreendida. A minha carta de 20 de novembro do ano anterior já dizia o que estava no manifesto. Eu dizia:

"a ruptura entre nós já existe. Agora, eu seré companheiro até o fim e não publicarei nada enquanto não nos reunirmos aqui em Buenos Aires."

E foi o que eu fiz. Em abril nos reunimos e eu li o manifesto para eles e depois disso é que o manifesto foi publicado. E só em maio o manifesto foi publicado, no dia 29 de maio, no *Diário da Noite*.

Eu precisei compreender o que era o ambiente, o prestígio da Coluna naquele momento. O Julinho Mesquita, diretor do Estado de São Paulo... Em janeiro de 1930, o filho dele nasceu, ele botou meu nome. Depois ele rompeu comigo.

Quando veio a anistia em janeiro de 31 os jornalistas perguntavam ao Getúlio se eu podia voltar. E o Getúlio dizia: "pode, tá anistiado." Mas o Luzardo, no princípio de janeiro, desse mesmo mês, mandou o Brandão com a mulher e três filhos pequenos, de colo, num navio mercante para a Alemanha, sem dinheiro, sem coisa nenhuma. Ele chegou lá e foi

se socorrer no "Socorro Vermelho."²⁶ Foi o que o salvou de morrer de fome.

Então, quando o Getúlio disse para os jornalistas que eu podia voltar, eu lá em Buenos Aires, fiz um pequeno volante onde dizia que ele estava querendo me comprar. Estava muito enganado se ia me comprar com galões de capitão porque eu jogava-lhe os galões na cara. Essa era a linguagem que eu utilizava. Você já leu esse livro do Abílio Bastos, *A Revolução Social no Brasil?*²⁷ Esse livro é todo sobre esse momento de transição, quando eu passei da ideologia tenentista para a comunista, justamente em Buenos Aires.

Então, ele mostra toda essa etapa aí. Tem muitos documentos, documentos meus, cartas, manifestos, (...)²⁷

26 O "Socorro Vermelho" era uma organização internacional semelhante à Cruz Vermelha criada pelos comunistas para auxiliar os camaradas perseguidos.

27 Neste momento somos interrompidos e a entrevista foi encerrada.